

História indígena vira livro

A resistência dos vaimiris-atroaris é tese de doutorado

Antonio José

BELÉM — Os índios vaimiris-atroaris, que habitam uma área de 2 milhões e 440 mil hectares no Norte do Amazonas e Sul de Roraima, são apontados como um exemplo de resistência à ocupação da Amazônia e vítimas do avanço dos grupos econômicos, na tese de doutorado defendida na Universidade de Brasília (UnB) pelo pesquisador inglês Stephen Grant Baines. A tese será transformada em livro, editado pelo Museu Paraense Emílio Goeldi. Esse grupo étnico, que já foi guerreiro, está agora acuado, nos limites de suas forças, e muito próximo do abandono de seu modo de vida tradicional, segundo o cientista.

Baines atua no Departamento de Antropologia do Museu Goeldi como bolsista do CNPq e viveu alguns anos entre os vaimiris-atroaris, produzindo 3 mil laudas de texto sobre a organização social, costumes e relação com a natureza da tribo. Ele se diz desapontado com as transformações que vêm ocorrendo entre os índios, provocadas pela presença cada vez maior do homem branco na reserva, e prevê a total descaracterização do grupo.

A história dos vaimiris-atroaris é marcada por guerras e massacres, nas quais aparecem como vítimas ou agressores. Mas as lutas estiveram sempre relacionadas à invasão dos brancos aos seus territórios de caça e pesca. O primeiro grande massacre contra os vaimiris-atroaris data de 1856, comandado pelo oficial português Pereira de Vasconcelos, de acordo com os historiadores Geor Hubner e Barbosa Rodrigues. Mas não há registro do número exato de mortos.

Eles foram atacados seguidamente de 1873 a 1876. Em 1905, foram assassinados em apenas um dia 283 índios, pela tropa liderada pelo capitão Julio Catingueira, a mando do governador do Amazonas, Constantino Nery. Entre 1928 e 1930, a área dos vaimiris-atroaris foi dominada pelo comerciante de castanha Edgar Penha, apoiado por 30 homens armados, que promoveram novas chacinas, expulsaram o chefe do Serviço de Proteção ao Índio e destruíram aldeias inteiras. Finalmente, por volta de 1949, caçadores de jacaré entraram na reserva e mataram 72 vaimiris-atroaris, encerrando o ciclo dos combates.

A nova fase é marcada pelos trabalhos de abertura da rodovia BR-174, nos anos 70, que liga Manaus



a Boa Vista e corta a reserva ao meio. Gripe, sarampo e outras doenças trazidas pelos trabalhadores quase dizimaram a tribo inteira, que na época tinha cerca de 3 mil índios. Hoje, os vaimiris-atroaris estão reduzidos a um grupo de 350 indivíduos, que vivem em aldeias dispersas. O temor do cientista Stephen Baines é que esses índios desapareçam ou sejam absorvidos como mão-de-obra pelos brancos, sem que tenham sido suficientemente estudados.

Hoje, as duas principais ameaças aos vaimiris-atroaris, relacionadas por Baines, são a Barragem de Balbina e a presença de empresas mineradoras ligadas à Paranapanema, empresa exportadora de estanho, nos limites da reserva.

A hidrelétrica de Balbina inundará completamente o sudeste da reserva. A formação do lago tem levado os índios das aldeias Tobupana e Taguari para o Rio Cariuau e para um afluente do Rio Alalau, cujas áreas já foram utilizadas por outros grupos da mesma etnia. Duas outras aldeias tiveram que ser retiradas do local por causa da inundação.

A reserva dos vaimiris-atroaris é rica em minérios, principalmente em depósitos de cassiterita. Hoje, 13 empresas ambicionam a exploração mineral na região e uma delas, a Mineração Timbó, do grupo Paranapanema, já está operando no Rio Uatuma, que teve seu nome mudado para Rio Pitanga nas cartas do Projeto Radam e da Aeronáutica, para beneficiar a mineradora, segundo o pesquisador.

Baines também denuncia o desmembramento de uma área a leste da reserva, determinada pelo decreto presidencial 86.630 de 23 de novembro de 1981, que mudou o status jurídico da reserva vaimiri-atroari, transformando-a em "área temporariamente interdita", para favorecer a instalação da Mineração Taboca. No dia 19 de janeiro de 1982, essa parte desmembrada foi transformada pela portaria interministerial 73 em Província Mineral de Mapuera, com reserva estimada em 60 milhões de toneladas de cassiterita, o que assegurou o interesse das mineradoras, impedindo a entrada de garimpeiros.

Baines acusa a Paranapanema de se apropriar de boa parte da reserva — incluindo área de recuperação de caça —, de poluir o Rio Alalau, um dos últimos redutos de pesca dos vaimiris-atroaris; de cooptar lideranças indígenas, oferecendo-lhes casas de alvenaria e um projeto agropecuário nas aldeias. "O que foi um fracasso porque os vaimiris-atroaris não sabem lidar com gado e as aldeias são impróprias para esse empreendimento."

O superintendente da Paranapanema, em Belém, José Tadeu Teixeira, negou todas as acusações de Baines, alegando que as empresas do grupo se instalaram legalmente na área e mantém cerca de 1.500 funcionários nas jazidas. Segundo Teixeira, a empresa nunca pensou em utilizar os índios como mão-de-obra, até porque eles não são capacitados para o tipo de trabalho ali desenvolvido.

Relatos de cacique mostram conflitos

BELO HORIZONTE — Relatos do cacique Pichuvi CintaLarga, da tribo dos Cintas-Largas, naturais de Rondônia e Norte de Mato Grosso, sobre o cotidiano dos índios e o contato e os conflitos com o branco foram organizados no livro *Histórias de maloca antigamente*, pelas professoras de letras Ana Leonel Queiroz e Ivete Lara Camargos Walty e pela arquiteta Leda Lima Leonel Mesquita, que colheu os depoimentos do cacique. Em junho do ano passado, Pichuvi morreu em acidente de carro, "vítima do processo que denunciou", disse Ivete Walty.

Segundo Leda Lima, que morou entre os cintas-largas para estudar sua arquitetura, os cerca de 2 mil índios da tribo foram reduzidos e menos da metade. A partir do início da construção da BR-364, que liga Cuiabá a Porto Velho, na década de 60. Os remanescentes vivem atualmente no Parque Indígena do Aripuaná-Poari, em Rondônia. "Eu tô fazendo livro para nós saber história como é que

foi. Velho morreu, não tinha nada...", contou Pichuvi.

As organizadoras procuraram respeitar a forma, na narrativa de Pichuvi sobre os mitos da criação do mundo, como as coisas passaram a existir. São histórias do dia-a-dia dos Cintas-largas, além do contato e conflito com o branco, em uma "forma paradoxal de tentar fazer sobreviver a cultura de um povo ameaçado". Segundo Ivete Walty, que é professora da Universidade Federal de Minas Gerais e está preparando tese de doutorado da Universidade de São Paulo, sobre a *Estrutura da Narrativa e Visão do Mundo*, a partir do relato de Pichuvi.

"Em seu papel de contar e recontar, ele quer reconstruir a cadeia de gerações quebrada pelo branco", explicou Ivete Walty. Além da diminuição da população, o choque das culturas e a ação de missionários americanos na aldeia resultaram na eliminação ou perda de importância de muitas tradições do grupo, comprometendo sua memória e identidade, na análise de Leda Mesquita. "Índio

só querer a vida do branco...", disse o próprio Pichuvi.

Denunciante do processo de dizimação e perda da identidade de seu povo, com várias passagens ilustrativas contidas ao longo de sua narrativa, Pichuvi morreu com cerca de 30 anos (ele era então um dos mais velhos da tribo, onde já não existiam idosos, conforme ele mesmo contou) em junho deste ano. A caminhonete que o cacique recebera de uma madeireira bateu de frente com um caminhão na BR-364. Pichuvi estava bebado, acompanhado de outro índio e duas prostitutas. Morreram os quatro.

"Ele, que sempre lutou para preservar a terra e a cultura de seu povo, não resistiu ao aliciamento, aceitou entrar no jogo e, como não poderia deixar de ser, saiu perdendo, comentou Ivete Walty. Pichuvi sabia que precisava contar o que sabia para preservar a memória de seu povo: "Quando eu morrer, pessoal tem que lembrar de mim: que Pichuvi contava quando era vivo é assim", disse ele.